

HEIDEGGER: O PAPEL DO POETA

José DETTONI

Mestre em Filosofia - PUCCAMP

RESUMO

O autor quer mostrar a importância do pensamento Heideggeriano no campo da arte. Para isto se serve da figura do poeta, cuja sensibilidade o torna apto a captar o **originário**. O tema é explorado em 3 momentos:

- a) O poeta como profeta;
- b) O poeta como instaurador;
- c) O poeta como mediador.

Preparado pelo silêncio o poeta se torna capaz de ouvir a voz dos deuses e a anuncia ao povo cujos anseios traduz em palavras. Mas ele é também um instaurador, o instaurador da verdade e do sentido da existência que ele conserva no **aberto**.

Ao poeta cabe igualmente a tarefa de interpretar a **fala** dos deuses. Ele é o mediador entre o divino e os mortais trazer-lhes o anúncio do futuro, de um sentido radical para a existência.

RÉSUMÉ

L'auteur veut montrer la valeur de la pensée heideggerienne dans le domaine de l'art. Pour le faire il se sert de la figure du poète, dont la sensibilité le rend capable à saisir l'**originaire**. Il développe le thème em 3 moments:

- a) Le poète en prophète;
- b) Le poète en instaurateur;
- c) Le poète en mediateur.

Préparé par le silence le poète se rend capable d'écouter la voix des dieux et l'annonce au peuple dont les aspirations il traduit en paroles. Mais il est aussi un instaurateur, l'instaurateur de la vérité et du sens de l'existence, qu'il conserve dans l'**ouvert**.

Au poète incombe également la tâche d'interpréter la parole, don des dieux. Il est le médiateur entre le divin et les mortels pour leur porter l'annonce du futur, d'un sens radical pour l'existence.

INTRODUÇÃO

O pensamento heideggeriano, apesar das críticas, permanece como um marco sólido no contexto do pensamento contemporâneo e universal. Sua originalidade e profundidade é indiscutível. A complexidade de sua terminologia e de seu método não diminui o vigor do seu pensar.

É particularmente no campo da arte que se destaca em originalidade este filósofo. Suas idéias são revolucionárias em relação à História da Filosofia da Arte. Tentar acompanhá-lo neste itinerário parece-nos válido e desafiante. É nosso objetivo.

É sabido que ele dá mais destaque à obra de arte do que ao artista, à poesia do que ao poeta. Já que assim é, veio-nos a idéia de adentrar um pouco na seara do artista, do poeta e deixar um pouco de lado a obra. Ver qual o papel que cabe ao autor, ao poeta.

Não é nosso objetivo exaurir a questão, mas descrever três aspectos que afloram em relevância, entre outros: O poeta como profeta, o poeta como instaurador e o poeta como mediador.

1 - POETA-PROFETA

"O destino do mundo se anuncia na poesia"

(Heidegger)

"El concepto de Hoelderlin: Heidegger es el poeta-profeta"

(Samuel Ramos)

Se o poeta é o homem cuja sensibilidade é tal a ponto de ser capaz de captar o ORIGINÁRIO, pela mesma sua sensibilidade, é aquele que, na expressão nietzscheana, "tem saudade do futuro". Futuro que presente, que lhe está presente, que prediz. "O destino do mundo que se anuncia na poesia"¹ não é deduzido por elucubrações filosóficas ou previsões científicas, mas pressentido pela sensibilidade do poeta.

Comentando Hoelderlin, Heidegger desenvolve a idéia de que "o poeta é o intérprete do povo e o intérprete do sagrado"². Voz que, para se fazer ouvir, antes de tudo, ouve. O poeta-profeta ouve o silêncio; mais do que ninguém aguça seu ouvido, para ouvir o que os outros não ouvem. A coragem da solidão é uma das condições fundamentais da possibilidade da palavra profética do poeta (Essa solidão é muito apreciada nos escritos de Nietzsche e sabe-se da influência deste em Heidegger). Preparado pelo Silêncio e no silêncio ele ouve a voz dos deuses e a anuncia ao povo. E, encorajado no silêncio, ouve os anseios do povo e os traduz em palavra, palavra anunciadora. Palavra que remete a um futuro, do qual traz ao povo a saudade.

Enquanto estamos "fechados nesse exíguo círculo, entre vales e escarpas conflitantes, não temos muitas vêzes sequer o pressentimento das paragens divinas que nos envolvem, dessa 'terra pura' que domina a nossa terra"³. Nós estamos fechados, mas o poeta não. De ouvidos atentos e armado com a coragem do silêncio para subir no pico das montanhas, ouve a voz que vem de longe, do passado e do futuro. Sua sensibilidade, não embotada pelo ruído da tagarelice do cotidiano, capta o "pressentimento das paragens divinas que nos envolvem".

"Cabe a nós outros aprender a escutar o dizer desses poetas..."⁴. Destaca o autor a palavra **desses** para nos mostrar que não se trata de qualquer poeta. Nem todo o que se diz poeta é poeta e nem todo o pequeno poeta é profeta. Só é grande o poeta do grande Silêncio, da grande Escuta.

Em seu comentário sobre Rainer Maria Rilke, Heidegger aproxima, resguardadas as devidas diferenças, a figura do Anjo rilkeano à figura do Zaratustra nietzscheano, ambos com características de profetas em tempos de crise.

Referindo-se ainda nosso filósofo ao poeta Rilke, diz que sua poesia “chegou verdadeiramente à vocação poética da poesia que corresponde à nova idade do mundo”⁵.

O poeta como profeta é o homem de tensão. É o homem que, aberto ao tempo, escuta o passado mas principalmente o futuro. Em seu silêncio solitário escuta as grandes vozes, e em sua pouca fala diz o que de outras bocas não se ouve.

2 - POETA INSTAURADOR

“Mas o pensamento é instaurado pelos poetas”

(Hoelderlin)

“Canto é existência”

(Rilke)

A partir de comentários ao poema **Em Memória** (Andenken) de Hoelderlin, do qual é destacada a epígrafe, Heidegger faz uma descrição fenomenológica da linguagem poética. É pela linguagem poética que se instaura e se fundamenta a existência humana em sua razão de ser. “A poesia é instauração pela palavra e na palavra”⁶. Em que consiste essa instauração? Responde o filósofo: “Posto que o ser e a essência das coisas não possam ser calculados nem derivados do existente, devem ser livremente criados, postos e doados. Esta livre doação é instauração”⁷. Esta “tarefa” é exercida pela poesia, pela PALAVRA POÉTICA. Pela Palavra essencial. É por isso que o “poeta nomeia os deuses e a todas as coisas no que são”⁸. Este nomear não é dar nome ao que já é, como um acréscimo exterior, que em nada acrescenta de essencial. Não, “o poeta, ao dizer a palavra essencial, nomeia com esta denominação, pela primeira vez, ao ente pelo que é e assim é conhecido como ente. A poesia é a instauração do ser com a palavra”⁹.

Esta instauração é fundamentação, razão de ser, abertura, sentido de existência: “Ao serem nomeados os deuses originalmente

e chegar à palavra a essência das coisas, para que pela primeira vez brilhem, ao acontecer isto a existência do homem adquire uma relação firme e se estabelece em uma razão de ser. O que dizem os poetas é instauração, (...) firme fundamentação da existência humana em sua razão de ser"¹⁰. O permanente referido por Hoelderlin e reafirmado por Heidegger é este sentido, essa razão de ser, essa abertura do homem para o ser, que está acima e além do cotidiano, da tagarelice, da "decadência", que envolve o horizonte da existência humana. Isso a ciência não faz, a técnica não atinge. É a palavra poética que instaura. É o homem (poeta) como "pastor do ser" que guarda e resguarda.

A esse respeito podemos chamar a nós as palavras de Ferreira da Silva: "O mundo da arte, encerrando momentos de eternidade, seria muito mais 'verdadeiro' e 'real' que a frívola farsa da vida; ao seu contato dissipar-se-iam em sonho as precárias agitações de existência bossal. Jogo vão, entretenimento ilusório seriam os próprios episódios do viver cotidiano, dança fugaz de desejos e satisfações efêmeras, contrastando com a terrível majestade da mensagem estética"¹¹. O que permanece e dá sustentação à existência humana é o que instauram os poetas. É o que dá vida à vida.

O canto poético é existência, é instauração de sentido. A palavra poética é ritmo, é canto. "Toda poesia deveria ser lida em voz alta, para que melhor se manifeste a plenitude do ritmo do verso; ela é canto", vive para ser dita e, mesmo no silêncio, nasce em voz alta"¹². O silêncio é fecundo e o silêncio do poeta e no poeta é fecundante. Por isso é que a poesia nasce no silêncio e já "nasce em voz alta", mesmo sem ser ruidosa. É "na poesia que encontramos a própria gênese da palavra, de tudo aquilo que a palavra originalmente é, ou seja, da palavra não simplesmente enquanto signo artificial, mas enquanto traz consigo todo um mundo"¹³. A verdade é explicitada pelo filósofo, mas é dita, instaurada, pelo poeta, que a diz de forma plena no canto poético: "Em tal canto, o espaço íntimo do mundo se estabelece ele mesmo em sua especialidade. O canto desses cantores nada ambiciona"¹⁴. O poeta não busca pela ambição, ele doa (sentido) à existência; é criador, não usurpador.

Isso, porém, não é obra fácil para os mortais. Só aos deuses não é difícil. E o poeta é mortal. "Difícil é o canto, naquilo que cantar não deve mais ser ambição mas existência. Para o Deus Orfeu, que mora infinitamente no aberto, cantar é coisa fácil; mas não para o homem"¹⁵.

Essa tarefa do poeta, se é difícil, é também plena de liberdade, pois "o canto não procura o que tem a dizer"¹⁶. É expansivo e livre como o vento que "sopra onde quer". "Cantar é, desde o centro inaudito da plena natureza, ser levado pelo vento. O canto é ele mesmo: 'um vento'"¹⁷.

O poeta, o instaurador da verdade, do sentido da existência, conserva e perpetua no sentido, no aberto, a existência. Na tendência humana à tagarelice da linguagem e à decadência no cotidiano, o poeta é o que arrisca permanecer no aberto da linguagem instauradora. É o que "se coloca em atitude de disponibilidade, que se abre ao aberto"¹⁸. Nisto está sua grandiosidade e sua tarefa. "No Mundo estabelecido pelo artista por meio da obra, a destinação histórica dos homens ligados aos deuses, bem como o Ser dos entes, se tornam compreensíveis"¹⁹. É por esta disponibilidade ao aberto que o mundo permanece mundo e a existência humana continua tendo sentido.

3 - POETA MEDIADOR

"... são, como dizes tu, como os sacerdotes sagrados do Deus do vinho"

(Hoelderlin)

Se "poetizar é dar nome original aos deuses" pela palavra poética instauradora" isto só é possível porque os próprios deuses nos deram a fala. Os deuses também falam, só que o fazem mediante signos e cabe aos poetas "surpreender e interpretar esses signos para em seguida transmiti-los a seu povo"²⁰. Cabe ao poeta a tarefa de surpreender e interpretar a fala dos deuses. Essa tarefa só pode ser cumprida no silêncio, pois só no silêncio é possível

surpreender os deuses e interpretá-los. É no silêncio que eles se deixam surpreender. "O poeta é, pois, um 'médium' que está entre os deuses e os homens, e a essência da poesia é a convergência da lei dos signos dos deuses e a voz do povo"²¹.

Sensibilidade dupla e convergente é necessária ao poeta: de um lado, ser capaz de atingir e interpretar os signos do sagrado e trazê-los traduzidos aos homens, ao povo, de outro lado, ser capaz de atingir os anseios do povo e interpretá-los em direção ao sagrado. Atingir, captar e interpretar os signos exige coragem e inclui a audácia de não só traduzir o seu sentido imediato, mas predizer o seu significado de longo alcance, seu sentido futuro, ainda a se cumprir. Incluída aqui está a função profética.

O poeta está colocado **entre**. Não é um Deus entre os homens, não é um homem entre os deuses. É um homem especial entre os deuses e os homens: Ao poeta cabe a tarefa de fazer "o esforço convergente e divergente da lei dos signos dos deuses e a voz do povo. O poeta mesmo está entre aqueles, os deuses, e este, o povo"²². Não vive propriamente como homem nem propriamente como Deus, pois "é um 'projetado fora', fora naquele entre, entre os deuses e os homens"²³. Mas é neste estar **fora** que o homem-poeta-mediador consegue estar o mais **dentro** possível da existência humana, já que só neste fora realiza a transcendência. É neste fora dos homens, neste entre os deuses e os homens que se realiza e se instaura o existir próprio do homem pela palavra poética instauradora: "Só neste **entre** e pela primeira vez se decide quem é o homem e onde se assenta sua existência"²⁴. O habitar a terra humana é o habitar poético, ou o habitar poético é o habitar humano. O animal não habita a terra, o animal não tem mundo, porque não é dada a ele a poesia, não é dada a ele a palavra poética, não é dada a ele a abertura do Ser.

O sustentar a tarefa do entre não é fácil e como diz Hoelderlin, comentado por Heidegger, "só às vezes suporta o homem a plenitude divina"²⁵. E para atingir e elaborar a verdade de seu povo exige-se do poeta a coragem da solidão: "Quando o poeta permanece consigo mesmo na suprema solidão de seu destino, então elabora a verdade como representante verdadeiro de seu povo"²⁶.

Se os poetas são os mediadores entre o sagrado e o humano, cabe a nós, como diz Heidegger “aprender a escutar esses poetas”²⁷. Esses, isto é, os que são verdadeiramente poetas.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos este nosso trabalho sobre alguns aspectos do pensamento heideggeriano a respeito do artista, particularmente do poeta, considerado o artista por excelência, sendo a poesia a arte por excelência, algumas observações nos ocorrem:

- É patente em Heidegger o extraordinário valor que atribui à obra de arte, à poesia em particular. Aparece também a pouca importância que ele dá ao produtor da obra, o artista. A certa altura parece até considerar o artista um simples meio, que poderia perfeitamente desaparecer após a obra feita. Na verdade a obra fica e o autor não.

O não dar muita importância ao artista, contudo, parece estar em consonância com seu pensamento geral, dentro do qual não cabe guarida a qualquer forma de subjetivismo. Neste sentido parece coerente sua posição. Apesar de tudo, uma pergunta lhe faríamos: seria possível a obra sem o autor? Por que então dar muito mais importância à obra do que ao autor?

Os trabalhos de Heidegger sobre arte parecem não se distanciar, de forma nenhuma, de sua intuição fundamental, desenvolvida em “Ser e Tempo”. Ao contrário dão a impressão de serem um prolongamento seu.

Apesar de o autor de “A Origem da Obra de Arte” e “Hoelderlin e a Essência da Poesia” dar mais importância à obra do que ao autor, pensamos ter conseguido nosso objetivo, qual seja, o de mostrar a importância dada por ele ao artista, em especial ao poeta.

Destacamos três aspectos que reputamos particularmente relevantes. Outros muitos podem ser desenvolvidos e descritos na estética heideggeriana, como, por exemplo, arte e história, arte e

linguagem, arte e educação, arte e verdade. Permanecem como sugestões para outros trabalhos.

NOTAS

- (1) M. Heidegger. Sobre o Humanismo. p. 64.
- (2) M. Heidegger. Arte y Poesia, p. 145.
- (3) V. Ferreira da Silva, Obras Completas, v. 1, p. 16.
- (4) M. Heidegger, Chemin qui ne mènent nulle part, p. 327.
- (5) Id., p. 384.
- (6) M. Heidegger, Arte y Poesia, p. 137.
- (7) Id. p. 138.
- (8) Id. p. 137.
- (9) M. Heidegger, Arte y Poesia, p. 137.
- (10) Id., p. 138.
- (11) V. Ferreira da Silva, opus cit., v. 1, p. 69.
* Grifo nosso.
- (12) G. Bornheim, Metafísica e Finitude, p. 91.
- (13) G. Bornheim, Metafísica e Finitude, p. 91.
- (14) M. Heidegger, Chemins, p. 380.
- (15) Id., p. 381.
- (16) Id., p. 382.
- (17) Id., p. 382.
- (18) T. C. Beanini, Heidegger: Arte como cultivo do inaparente, p. 38.
- (19) T. C. Beanini, opus cit., p. 38.
- (20) S. Ramos, Prólogo, in: Arte y Poesia, opus cit., p. 31.
- (21) Id., p. 31.
- (22) M. Heidegger, Arte y Poesia, p. 145.
- (23) Id., p. 146.
- (24) Id., p. 146.
- (25) Id., p. 147.
- (26) Id., p. 147.
- (27) M. Heidegger, Chemins, p. 327.

BIBLIOGRAFIA

- BEANINI, Thais Curi. **Heidegger: Arte como Cultivo do Inaparente**. São Paulo, Ed. E.D.U.S.P., 1986. 158 p.
- BORNHEIM, Gerd. A. **O Sentido e a Máscara**. São Paulo, Ed. Perspectiva S. A., 1975, 123 p.

- _____. **Teatro: A Cena Dividida**. Porto Alegre, Ed. L. & P. M. Editores, 1983, 125 p.
- _____. **O Idiota e o Espírito Objetivo**. Porto Alegre, Ed. Globo, 1980.
- _____. **Metafísica e Finitude**. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1972 169 p.
- _____. **M. Heidegger L'Être et le Temps**. Paris, Ed. Hatier, 1976, 95 p.
- CAPALBO, Creusa. (Org.) **Fenomenologia e Hermenêutica**. Rio de Janeiro, Ed. Âmbito Cultural Edições Ltda, 1983. 121 p.
- CARNEIRO LEÃO, E. et alii **Arte e Filosofia**. Rio de Janeiro, Ed. Funarte, 1983.
- CRIPPA, A. **A Idéia de Cultura em Vicente Ferreira da Silva**. (Tese de Doutorado), Universidade Gama Filho.
- GUINSBURG, J. **O Romantismo**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1978. 274 p.
- FERREIRA DA SILVA, Vicente. **Obras Completas**. v. 1, São Paulo, Ed. I.B.F., 1964. 397 p.
- _____. **Obras Completas**. v. 2, São Paulo, Ed. I.B.F., 1966, 538 p.
- HEIDEGGER, Martin. **Arte y Poesia**. Trad. Samuel Ramos. 4ª ed. México, Ed. Fondo de Cultura Económica, 1985. 148 p.
- _____. **Sobre o Humanismo**. Trad. E. Carneiro Leão. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1967. 106 p.
- _____. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis, Ed. Vozes, 1988. 325 p.
- _____. **Seis estudos sobre "Ser e Tempo"**. Trad. Ernildo Stein. Petrópolis, Ed. Vozes, 1988. 132 p.
- _____. **Nietzsche**. Trad. Pierre Klossowski. Paris, Ed. Gallimard, 1971. 512 p.
- _____. **Approche de Holderlin**. Trad. Henry Corbin et alii. Paris, Ed. Gallimard, 1962. 195 p.

- _____. *Chemins qui ne mement nulle part*. Paris, Ed. Gallimard, 1962. 385 p.
- KIÉDE, S. S. (coord.) *Os Contrapontos da Literatura*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1984. 101 p.
- MARTINS, Joel e BICUDO, Maria Aparecida V. *Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação*. São Paulo, Ed. Moraes, 1983. 80 p.
- MARTINS, Joel et alii. *Temas Fundamentais de Fenomenologia*. São Paulo, Ed. Moraes, 1984. 98 p.
- RILKE, R. Maria. *Cartas a um Jovem Poeta*. Trad. Paulo Rónai. 14^a ed. Porto Alegre, Ed. Globo, 1986. 109 p.
- PRESENÇA FILOSÓFICA. Rio de Janeiro, nº 1, jul 1988.
- _____. Rio de Janeiro. v. XI. nº 1. jan/abril 1985.
- _____. Rio de Janeiro, v. XII, nº 1 a 4, jan/dez 1986.
- REVISTA FILOSÓFICA BRASILEIRA. Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, jul 1986.